



## Comércio Internacional brasileiro no MERCOSUL

(Economia- Artigo Completo)

Larissa F. Gill (UEMS) larissagilch@gmail.com

Eliana Lamberti (UEMS) eliana@uems.br

### Resumo:

O objetivo do presente trabalho versa sobre as relações comerciais do Brasil no bloco MERCOSUL, tendo como objetivo primordial analisar a estrutura e o dinamismo comercial sob a perspectiva do padrão de especialização produtiva. Nos dias atuais a temática da integração econômica entre os países vem ganhando destaque como um importante elemento para o desenvolvimento. Assim, tendo em vista a diversidade produtiva regional do Brasil surge a demanda por informações sobre o padrão de especialização produtiva e a inserção no bloco, a fim de criar incentivos à produção, o que por sua vez, ampliará a competitividade internacional e o crescimento econômico no longo prazo. Nesse sentido, a identificação do padrão de especialização, da direção do comércio entre outros indicadores do comércio internacional são relevantes. Os dados de comércio foram obtidos junto ao site AliceWeb2 e se limitaram ao período de 1997-2014. A análise foi realizada pela desagregação de produto e foram considerados os valores nominais em dólar expressos em valor FOB. Com o uso da estatística descritiva identificou-se os principais produtos na pauta de comércio brasileiro, que permite analisar o padrão de especialização. Além disso, foram calculados os principais indicadores de comércio internacional, tais como: saldo de balança comercial, análise dos termos de troca e os índices de quantum e preços. Constatou-se que as exportações e importações estão ligadas principalmente a aos bens com incorporação de tecnologia no processo produtivo. As cestas exportadora e importadora – embora diversificadas, sendo composta por 97 produtos – denotaram grande concentração.

**Palavras-chave:** Intercambio comercial; Balança comercial; Padrão de especialização; Integração Regional; Índices de Quantum e Preços.

### 1 Introdução

Até o final do século XX, as ligações comerciais, financeiras e até de comunicação eram ainda limitadas. Conforme Sarquis (2011), os regimes de livre-comércio, predominantes no século anterior foram substituídos por considerável protecionismo, tanto na Europa como em outras regiões. Como observado por Angus Maddison (2006 apud Sarquis, 2011) “entre 1913 e 1950, a economia mundial cresceu muito mais lentamente do que em 1870-1913, o comércio mundial cresceu muito menos do que a renda mundial, e o grau de desigualdade entre as regiões aumentou substancialmente”.

A partir da três décadas seguinte à Segunda Guerra Mundial a economia internacional ingressa numa fase de expansão com o aumento do comércio e dos investimentos diretos ultrapassando o ritmo de crescimento do produto global. O processo denominado de globalização<sup>1</sup>, que anunciava uma nova era, resultou na expansão do Comercio Internacional. Conforme Krugman e Obstfeld (2010) tal expansão ocorreu em virtude ao declínio nos custos de transporte e comunicações, às reduções em escala global nas barreiras comerciais, a terceirização das atividades produtivas e à maior conscientização em relação a produtos e culturas de outros países.

---

<sup>1</sup> A temática globalização requer definição especifica. Embora a temática esteja comumente associada às ideias de aldeia global, cidades globais, dissolução das fronteiras e provoque grande variedade de pontos de vista, para fins dessa pesquisa, trata-se de globalização econômica (portanto, está na seara da economia internacional).



Nesse contexto é de grande relevância ressaltar que, embora o comércio internacional se encontre relacionado diretamente com a história econômica internacional e com a própria globalização, estes não devem ser confundidos. Apesar de refletir essencialmente uma tendência de intensificação dos fluxos econômicos internacionais, a história econômica não é invariavelmente linear alternando ciclos de maior e menor expansão do intercâmbio comercial. Tais ciclos se associam a maior ou menor crescimento econômico, bem como a diferentes regimes de comércio, em que ocasionalmente, pode se observar a coincidência entre a contração das economias e a retração de seu comércio exterior, como ocorreu nas crises de 1929 e 2009 (SARQUIS, 2011).

Contudo, o estudo da Economia Internacional nunca foi tão pertinente como é nos dias de hoje, versando na interdependência econômica, política e financeira entre as nações. É através Economia Internacional que se analisa “o fluxo de bens e serviços, pagamentos e recursos monetários entre uma nação e o restante do mundo, bem como as políticas direcionadas no sentido de regular esses fluxos e seus efeitos em relação ao bem estar da nação.” (DOMINICK, 2007).

Dentro da análise do comércio internacional, é de fundamental relevância a constatação dos determinantes do comércio: entender os fundamentos básicos da existência de comércio entre os países, o padrão de comércio, quais os preços das exportações/importações, que quantidades são ou poderiam ser exportadas/importadas e quais são as diretrizes determinantes da política comercial dos países.

O objetivo primordial do presente trabalho foi identificar o padrão de especialização do comércio brasileiro no bloco MERCOSUL. Como objetivos específicos o presente trabalho propôs-se a: i) identificar o padrão de especialização de comércio entre os países membros do MERCOSUL; ii) identificar os principais setores envolvidos no comércio com o Mercosul e as políticas comerciais implementadas; e iii) calcular índice de quantum e preços. Com o uso da estatística descritiva identificou-se os principais produtos na pauta de comércio dos estados brasileiros, que permite analisar o padrão de especialização. A caracterização da direção do comércio foi feita a partir da identificação dos principais parceiros comerciais. Além disso, foram calculados os principais indicadores de comércio internacional, tais como: saldo de balança comercial, análise dos termos de troca e de variação no quantum.

Para cumprir os objetivos propostos, o trabalho encontra-se dividido em cinco seções. Além desta introdutória, a segunda seção caracteriza o MERCOSUL assim como a inserção brasileira no bloco; a terceira seção apresenta a metodologia empregada no desenvolvimento da pesquisa; e as seções seguintes apresentam os resultados do trabalho e as considerações finais, respectivamente.

## **2 O histórico do MERCOSUL**

Criado em 1991 com a assinatura do Tratado de Assunção (no Paraguai), em 26 de março de 1991, conforme ao seu site oficial<sup>2</sup> o MERCOSUL tem como objetivos: i) A livre circulação de bens, serviços e fatores de produção entre os países através, entre outros, da eliminação dos direitos alfandegários e restrições não-tarifárias à circulação de mercadorias e de qualquer outra medida de efeito equivalente; ii) O estabelecimento de uma tarifa externa comum e a adoção de uma política comercial comum em relação a terceiros Estados ou agrupamentos de Estados e a coordenação de posições em foros econômico-comerciais regionais e internacionais; iii) Coordenação de políticas macroeconômicas e setoriais entre os

---

<sup>2</sup> [www.mercosur.int](http://www.mercosur.int)



Estados Partes: comércio exterior, agrícola, industrial, fiscal, monetária, cambial e de capitais, de serviços, alfandegária, de transportes e comunicações, e outros que se acordem, a fim de assegurar condições adequadas de concorrência entre os Estados Partes; iv) O compromisso dos Estados Partes de harmonizar suas legislações nas áreas pertinentes, a fim de fortalecer o processo de integração.

O MERCOSUL encontra-se baseado na teoria de Integração Econômica, ao cumprir certas fases de integração (Zona de Livre Comércio, União Aduaneira e Mercado Comum), através da integração econômica busca-se alcançar o desenvolvimento das nações envolvidas Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. Assim, o MERCOSUL faz parte de um novo modelo de interação econômica para América Latina, que antes se encontrava sob proteções comerciais. O processo de integração encontra-se baseado na concepção de Regionalismo Aberto da Comissão Econômica para América Latina e Caribe (CEPAL), em que uma integração econômica regional aumentaria o grau de inserção internacional dos países-membros. Conforme Fabiane Frois e Taize Andrade a integração regional se justifica como uma ordenação mais aberta e transparente da economia internacional, neste sentido:

“O Mercosul estabelece um novo marco histórico para a América Latina, que por um lado, é fruto e resultado de um lento processo de amadurecimento histórico que levou seus países-membros, de certa forma, a substituir o conceito de conflito pelo ideal de integração. De outro, o TA se apresenta como um acordo internacional de cunho significativamente econômico que significou a coroação de um projeto estratégico regional de natureza política.” (BALBÉ; MACHADO, 2008, p.3).

Sendo assim, qualquer processo de integração econômica está condicionado a aliança entre nações dispostas a compartilhar mercados, instituições e um conjunto de regulamentações, a fim de alcançarem os objetivos estabelecidos, que no caso do MERCOSUL seria constituir um Mercado Comum entre os países membros.

Entre seus objetivos, a integração econômica visa o aproveitamento de economias de escala, estímulos aos investimentos e vantagens de especialização. Assim, a origem do MERCOSUL encontra-se nas discussões para a constituição de um mercado econômico regional para a América Latina que surge como necessidade diante marginalização crescente da América Latina no sistema econômico mundial, esta por sua vez se encontrava antes impregnada de proteções comerciais.

O MERCOSUL então surge como resultado de um longo processo de amadurecimento histórico e é fruto da relação argentino-brasileira. Em 1985, ao assinar a Declaração do Iguazu, a Argentina e o Brasil obtiveram progressos nas relações comerciais, estabelecendo uma comissão bilateral, à qual se seguiram acordos comerciais no ano seguinte. O Tratado de Integração, Cooperação e Desenvolvimento, assinado entre ambos os países em 1988, fixou como meta o estabelecimento de um mercado comum, aos quais outros países latino-americanos poderiam se unir. Foram aderidos ao processo o Paraguai e o Uruguai, assim os quatro países se tornaram signatários do Tratado de Assunção (1991), que estabeleceu o Mercado Comum do Sul, uma aliança comercial visando dinamizar a economia regional, movimentando entre si mercadorias, pessoas, força de trabalho e capitais.

Atualmente encontram-se entre os Estados Membros do MERCOSUL o Brasil, Argentina, Paraguai, Uruguai – estes presentes desde a sua fundação – e a Venezuela que no ano de 2006 solicitou a entrada no bloco como membro efetivo, processo este que se concretizou no ano de 2012. A Bolívia, por sua vez, também solicitou, em 2012 a entrada como membro permanente no bloco, processo este que ainda devesse ser apreciado e concretizado ao longo dos próximos anos. Entre os Associados do MERCOSUL encontram-se a Bolívia (em processo de efetivação como país-membro), o Chile (desde 1996), o Peru

(desde 2003), a Colômbia e o Equador (desde 2004). Guiana e Suriname tornaram-se Estados Associados em 2013. Com isso, todos os países da América do Sul fazem parte do MERCOSUL, seja como Estados Parte, seja como Associado.

### 3 Metodologia

Seguindo a classificação proposta por Gil (2002), quanto aos seus objetivos esta pesquisa pode ser classificada como exploratória na medida em que tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Ainda seguindo a classificação proposta pelo autor, quanto aos procedimentos técnicos utilizados, a presente pesquisa pode ser classificada como bibliográfica (material de pesquisa constituído por livros e artigos científicos).

Quanto ao tipo de pesquisa, seguindo a classificação proposta por Creswell (2010), esta pesquisa consiste numa pesquisa quantitativa visto que examina a evolução de variáveis utilizadas para mensurar o comércio internacional.

Com o uso da estatística descritiva identificou-se os principais produtos na pauta de comércio dos estados brasileiros, o que permite analisar o padrão de especialização. A caracterização da direção do comércio foi feita a partir da identificação dos principais parceiros comerciais. Além disso, foram calculados os principais indicadores de comércio internacional, tais como: saldo de balança comercial, taxa de cobertura, análise dos termos de troca e de variação no quantum.

De modo a analisar os dados e fazer comparações intertemporais válidas que reflitam as variações efetivamente ocorridas durante o período estudado, os preços – expressos em dólares FOB correntes – foram depurados, para assim registrar apenas as variações reais das transações econômicas<sup>3</sup>. Utilizou-se a metodologia da FUNCEX<sup>4</sup> para o cálculo dos índices de preços, baseado no critério de FISCHER. Os índices “ideais” de FISCHER resultam da média geométrica dos números-índices de LASPERES e de PAASCHE. Os índices de preços determinados a partir do índice de Fischer foram calculados em cada período, de acordo com a expressão:

$$I_P^{0,1} = \sqrt{\left[ \frac{\sum p_i^1 * q_i^0}{\sum p_i^0 * q_i^0} \right] * \left[ \frac{\sum p_i^1 * q_i^1}{\sum p_i^0 * q_i^1} \right]} \quad (1)$$

Em que  $p_i^0$  é o preço da mercadoria  $i$  no período-base e  $p_i^1$  o preço da mercadoria  $i$  no período subsequente;  $q_i^0$  é a quantidade da mercadoria  $i$  no período-base; e  $q_i^1$  refere-se à quantidade da mercadoria  $i$  no período seguinte. O índice de quantum foi calculado de forma implícita, onde  $v$  corresponde ao valor FOB de exportação (importação) em cada período, conforme a expressão:

$$I_q^{0,1} = \left( \frac{v^1}{v^0} \right) / I_P^{0,1} \quad (2)$$

<sup>3</sup> Mantendo-se constantes os preços, os agregados registrarão apenas as variações reais das transações econômicas, abstraindo-se, assim, as influencias nominais decorrentes das variações no poder aquisitivo da moeda.

<sup>4</sup> A Fundação Centro de Estudos do Comércio Exterior – FUNCEX é uma instituição de caráter técnico, pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, que tem como principal objetivo desenvolver atividades relativas a pesquisas, estudos, formação pessoal, informação, divulgação e assistência técnica no campo de comércio exterior.

Foram calculados também, os termos de troca, definidos como a relação entre o valor das importações e o valor das exportações de um país em determinado período.

Os dados foram provenientes das séries de dados referentes aos fluxos de exportação e importação fornecidos pelo sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior, denominado AliceWeb2, da Secretaria de Comércio Exterior, e pelo sistema do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior<sup>5</sup> (MDIC), cujos valores nominais estão expressos em dólares FOB<sup>6</sup>. A análise limita-se ao período de 1997 a 2014, em que o critério de seleção temporal remonta-se a disponibilidade dos dados no sistema AliceWeb2 a partir de 1997. O período analisado abrange até 2014 com o objetivo de atualizar os estudos e preencher a lacuna do ultimo estudo realizado e os dias atuais.

#### 4 Resultados e discussões

O comercio internacional brasileiro no MERCOSUL passou por vários momentos distintos ao longo do período estudado (1997 a 20014). Em 1998 inicia-se um processo de revisão tarifaria que resulta em importações mais “baratas”, no entanto estas continuam reprimidas (FERNANDES,1997).

É a partir 1995, e como resultado de uma reforma no regime comercial implantado<sup>7</sup>, que se verifica uma politica econômica direcionada a uma liberalização do comercio internacional.

Ainda, a partir de janeiro de 1999, o país passou a adotar um sistema de câmbio flutuante. Conforme Salvato, Sant’Anna e Silva (2008), o comportamento da balança comercial a partir de 1999 pode ser explicado pelo movimento da taxa de câmbio, assim como por outros fatores, tais como o ambiente externo favorável com crescimento acelerado do comércio mundial<sup>8</sup>, as trajetórias de preços de exportação e importação distintos, crescimento da demanda interna assim como os choques adversos que assolaram a economia brasileira (SALVATO; SANT’ANNA; SILVA, 2008).

De 1997 a 2014 foi possível distinguir três fases no comportamento das exportações e importações brasileiras: i) até meados de 2002, quando o saldo da balança comercial se mantém próximo de zero e o movimento de exportações e importações é muito semelhante; ii) a partir de 2003 até final de 2008, quando as exportações se mantém acima das importações e com crescimento do saldo da balança comercial; iii) a partir de 2009 com redução do saldo da balança comercial, a despeito da manutenção do crescimento das exportações.

A evolução da balança comercial encontra-se exposta no gráfico 1, a partir do qual é possível identificar as três fases mencionadas no paragrafo anterior e que serão abordadas detalhadamente a continuação.

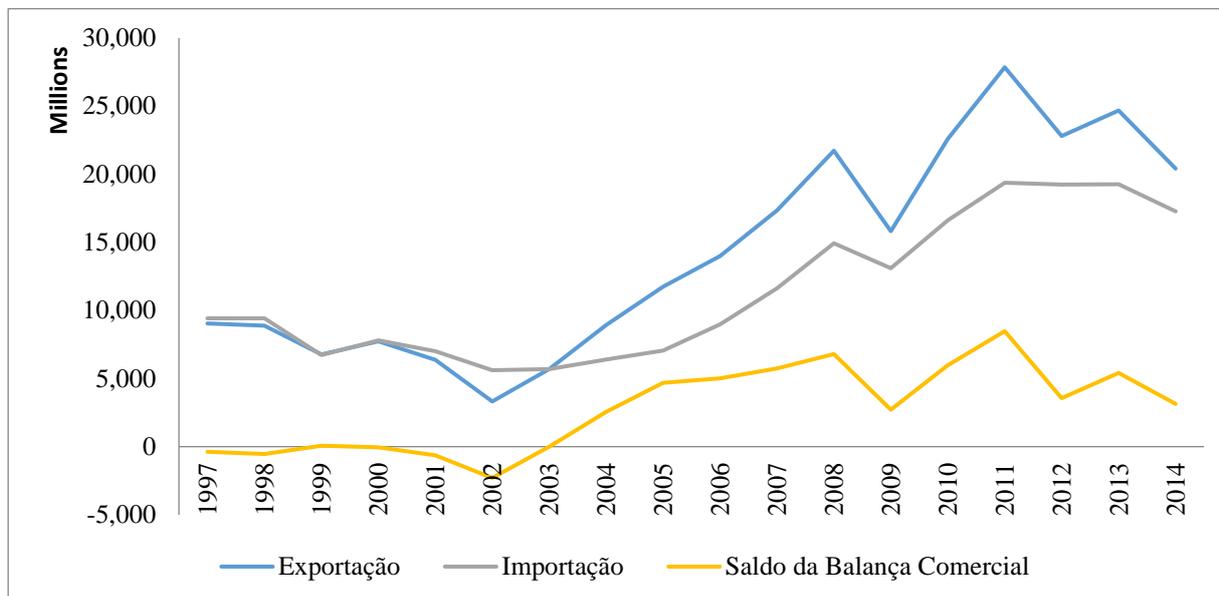
<sup>5</sup> Disponível em <http://aliceweb.desenvolvimento.gov.br>.

<sup>6</sup> *Free On Board* que significa que o exportador é responsável pela mercadoria até ela estar dentro do navio, para transporte, no porto indicado pelo comprador. Essa expressão faz parte dos chamados Incoterms, ou seja, *International Commercial Terms*, compilados e normatizados pela Câmara de Comércio Internacional (CCI).

<sup>7</sup> O Governo promoveu uma série de modificações na politica comercial, que incluía a eliminação das barreiras não tarifárias (BNTs) e a redução progressiva das tarifas de importação.

<sup>8</sup> Principalmente por causa do crescimento da demanda chinesa por commodities.

**GRÁFICO 1 - SALDO DAS CONTAS DE EXPORTAÇÕES, IMPORTAÇÕES E BALANÇA COMERCIAL (FOB) – 1997 – 2014.**



Fonte: MDIC-SECEX, elaboração própria.

#### 4.1 Exportações

A cesta de exportação foi composta por um total de 97 produtos no acumulado entre 1997 e 2014. Os três principais produtos da cesta exportadora são veículos (automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres, suas partes e acessórios) com um montante acumulado de US\$ 7,1 bilhões (27,78% do valor total); o segundo produto os Reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, e suas partes, com uma soma total de vendas para o bloco de US\$ 2,8 bilhões (11,34% do total); e em terceiro as Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, e suas partes (aparelhos de gravação ou de reprodução de som, aparelhos de gravação ou de reprodução de imagens e de som em televisão, e suas partes e acessórios) gerando uma receita de venda de US\$ 1,8 bilhões (7,9% do total). A composição da cesta nos revela que os três principais produtos que o Brasil exporta basicamente possuem tecnologia empregada em sua produção, isto é há valor agregado.

No que diz respeito ao comportamento, no primeiro período analisado (1997 -2002) o resultado do total exportado tem uma queda de 63,31%. Dentro do total exportado, verifica-se que os Bens Manufaturados, com participação nas exportações de 90%, tem uma variação negativa de 64,80%. Os demais setores (bens básicos, bens semimanufaturados e operações especiais) também apresentaram variações negativas de 49,47%, 50,88% e 39,77% respectivamente (tabela 1).

Os produtos manufaturados foram o grande destaque nas exportações no período de 2003 a 2008, com crescimento de 294,37%, e participação de 91,84% no total da pauta de exportações. Os produtos básicos tiveram alta de 177,04%, com uma participação de 4,80%, e os semimanufaturados cresceram 216,43% (tabela 1).

No período compreendido entre 2009 e 2014 o total exportado cresceu 29,01%. Dentro do total exportado, os bens básicos foram o grande destaque com um crescimento de 353,27%, aumentando sua importância no total exportado (tabela 1).

**Tabela 1. Exportação brasileira - MERCOSUL: Totais por Fator Agregado (US\$ 1000 FOB)**

Ano	TOTAL	Básicos	Semimanufaturados (A)	Manufaturados (B)	Industrializados (A+B)	Operações Especiais
1997	9.045.110.950	551.232.998	315.073.548	8.153.038.944	8.468.112.492	25.765.460
1998	8.878.233.843	584.046.503	290.869.502	7.983.152.077	8.274.021.579	20.165.761
1999	6.777.871.670	435.246.114	206.276.538	6.105.552.476	6.311.829.014	30.796.542
2000	7.739.599.181	453.047.718	192.867.366	7.071.710.374	7.264.577.740	21.973.723
2001	6.374.455.028	439.159.515	208.991.344	5.706.660.309	5.915.651.653	19.643.860
2002	3.318.675.277	278.534.799	154.753.572	2.869.868.339	3.024.621.911	15.518.567
2003	5.684.309.729	387.817.027	202.738.577	5.071.890.401	5.274.628.978	21.863.724
2004	8.934.901.994	438.587.650	329.283.288	8.137.828.364	8.467.111.652	29.202.692
2005	11.746.011.414	550.697.036	352.009.831	10.804.308.151	11.156.317.982	38.996.396
2006	13.985.828.343	652.919.342	456.799.677	12.831.696.136	13.288.495.813	44.413.188
2007	17.353.576.477	710.431.762	496.721.785	16.114.904.749	16.611.626.534	31.518.181
2008	21.737.308.031	1.074.418.583	641.531.988	20.001.894.151	20.643.426.139	19.463.309
2009	15.828.946.773	616.909.222	297.363.099	14.886.176.016	15.183.539.115	28.498.436
2010	22.601.500.959	1.440.167.378	559.415.706	20.563.209.200	21.122.624.906	38.708.675
2011	27.852.507.305	2.116.547.572	643.291.782	25.036.334.817	25.679.626.599	56.333.134
2012	22.799.767.448	1.604.799.570	596.038.567	20.564.052.291	21.160.090.858	34.877.020
2013	24.683.426.808	1.820.816.058	501.760.216	22.326.653.186	22.828.413.402	34.197.348
2014	20.420.948.626	2.796.263.597	440.852.962	17.131.026.595	17.571.879.557	52.805.472

Fonte: MDIC-SECEX, elaboração própria.

## 4.2 Importações

A cesta de exportação foi composta por um total de 96 produtos no acumulado entre 1997 e 2014. Os três principais produtos da cesta importadora são os veículos (automóveis, tratores, ciclos e outros veículos terrestres, suas partes e acessórios) com um montante acumulado de US\$ 6,2 bilhões (30,42% do valor total); o segundo produto mais importado foram os Cereais com uma soma total de US\$ 2,5 bilhões (12,56% do total); e o terceiro produto os combustíveis minerais, óleos minerais e produtos da sua destilação (matérias betuminosas; ceras minerais) gerando uma receita de venda de US\$ 2,1 bilhões (10,34% do total). A composição da cesta nos revela que os dois, dos três principais produtos que o Brasil importa, possuem tecnologia empregada em sua produção.

Ao analisar a evolução das importações, constatou-se que no primeiro período analisado (1997 a 2002) houve uma retração nas importações de 40%. No período subsequente (2003 a 2008) houve um aumento de 163% nas exportações, em que foram observadas evoluções positivas em todas as categorias: Bens básicos (46%), Semimanufaturados (99%), e Manufaturados (236%). No último período (2009 a 2014), os cereais, combustíveis minerais e os veículos automotivos se destacaram pelo elevado montante e quantidades transacionadas, também durante o período estes produtos apresentaram altas de 62,29%, 114,33% e 595%, respectivamente. As demais categorias também tiveram crescimento significativo (tabela 2).

**Tabela 2. Importação brasileira - MERCOSUL: Totais por Fator Agregado (US\$ 1000 FOB)**

Ano	TOTAL	Básicos	Semimanufaturados (A)	Manufaturados (B)	Industrializados (A+B)	Operações Especiais
2000	7.796.208.525	2.972.699.060	287.853.167	4.535.656.298	4.823.509.465	-
2001	7.009.674.042	2.327.195.836	244.861.951	4.437.616.255	4.682.478.206	-
2002	5.611.720.224	1.881.479.459	233.497.919	3.496.742.846	3.730.240.765	-
2003	5.685.228.972	2.035.365.374	217.751.656	3.432.111.942	3.649.863.598	-
2004	6.390.492.978	1.713.198.511	238.116.997	4.439.177.470	4.677.294.467	-
2005	7.053.699.272	1.590.943.489	206.525.303	5.256.230.480	5.462.755.783	-
2006	8.967.386.709	2.035.415.499	264.015.109	6.667.956.101	6.931.971.210	-
2007	11.624.752.344	2.546.709.886	404.622.684	8.673.419.774	9.078.042.458	-
2008	14.934.111.721	2.968.509.950	433.467.705	11.532.134.066	11.965.601.771	-
2009	13.107.441.700	2.704.662.223	311.196.897	10.091.582.580	10.402.779.477	-
2010	16.620.151.158	3.079.271.401	464.142.738	13.076.737.019	13.540.879.757	-
2011	19.375.753.370	3.635.390.863	584.114.313	15.156.248.194	15.740.362.507	-
2012	19.250.400.534	3.899.667.642	519.041.764	14.831.691.128	15.350.732.892	-
2013	19.269.416.429	3.184.757.528	492.879.996	15.591.778.905	16.084.658.901	-
2014	17.271.545.715	2.946.380.757	571.550.440	13.753.614.518	14.325.164.958	-

Fonte: MDIC-SECEX, elaboração própria.

### 4.3 Intercâmbio comercial

Durante o primeiro período (1997-2002), a Argentina configura-se como principal parceiro comercial do Brasil dentro do bloco, sendo o destino de 77% das exportações brasileiras e a origem de 86% das importações brasileiras durante o período.

Ao analisar a evolução do intercâmbio comercial do Brasil com o MERCOSUL verifica-se que, durante o período tanto as exportações como as importações tem um decréscimo, exceto no ano 2000. Nesse ano, as exportações destinadas à Argentina e Paraguai tem um crescimento de 16,28% e 11,85%, respectivamente. Já para o Uruguai, as exportações tiveram uma variação negativa de 0,04%, tal resultado configura-se como o menor decréscimo do período. No mesmo ano, verifica-se uma expansão nas importações de 17,74% e 34,95, que tem como origem a Argentina e Paraguai, respectivamente.

Ao comparar a evolução das exportações e importações verificou-se que a partir de 2002 houve um aumento desproporcional das importações em detrimento das exportações, o que se reflete em uma baixa cobertura, de apenas 0,59<sup>9</sup>, e um saldo negativo na balança comercial.

Durante o segundo período (2003-2008), a Argentina permanece como principal parceiro comercial do Brasil dentro do bloco, sendo o destino de 83% das exportações brasileiras e a origem de 88% das importações brasileiras durante o período. Torna-se notável que com a recuperação econômica da Argentina, o Brasil passa a exportar mais para o país.

Neste segundo período o intercâmbio comercial do Brasil com o MERCOSUL apresenta crescimento, tanto nas exportações como nas importações. No ano 2003, as exportações destinadas à Argentina e Paraguai tem um crescimento de 94,75% e 26,65%, respectivamente. Já para o Uruguai, as exportações tiveram uma variação negativa de 1,64%.

<sup>9</sup> Uma taxa de cobertura inferior a 1 indica uma posição fraca ou dependência comercial (saldo comercial negativo).



No mesmo ano, verifica-se uma expansão nas importações de 23,93% e 10,49%, que tem como origem o Paraguai, e o Uruguai, respectivamente.

No final do segundo período (2008), a exportação de automóveis (c/motor explosão, 1500<cm3<3000, até 6 passageiros) destinada a Argentina é do montante de US\$ 1,84 bilhões. Outros produtos que se destacaram na pauta exportadora foram: terminais portáteis de telefonia celular gerando uma receita de US\$ 750 milhões e "fuel-oil" com um montante de US\$ 496 milhões. Nas importações de origem Argentina os automóveis (c/motor explosão, 1500<cm3<3000, até 6 passageiros) passam a ocupar o primeiro lugar da pauta importadora, com um valor total de US\$1,39 bilhões, naftas para petroquímica permanece em segundo lugar com um total de US\$ 1,29 bilhões e o trigo (exceto trigo duro ou p/semeadura) e trigo c/centeio passa a ocupar o terceiro lugar com 9,54% do total exportado no ano.

Dentro da cesta de produtos exportados em 2008 destinados ao Paraguai, três produtos tem grande destaque, a saber: "gasóleo" (óleo diesel) no montante de US\$231 milhões, adubos ou fertilizantes (c/nitrogênio, fósforo e potássio) com valor total de US\$ 181 milhões e adubos ou fertilizantes c/fosforo e potássio gerando uma receita de US\$ 128 milhões. A pauta importadora foi composta pelos seguintes produtos: trigo (exc.trigo duro ou p/semeadura) e trigo c/centeio no montante de US\$150 milhões, milho em grão (exceto para semeadura) com valor total de US\$123 milhões e outros grãos de soja (mesmo triturados) no montante de US\$39.704.923.

No que diz respeito ao Uruguai, entre os produtos exportados em 2008, três ganham destaque: "fuel-oil" gerando uma receita de US\$139 milhões, automóveis (c/motor explosão, 1500<cm3<3000 ,até 6 passageiros) US\$ 56 milhões, e terminais portáteis de telefonia celular US\$ 50 milhões. Os três principais produtos importados foram: malte (não torrado, inteiro ou partido) no montante de US\$137 milhões, garrações (garrafas, frascos, e artigos semelhantes de plástico) US\$ 93 milhões e arroz no montante de US\$ 68 milhões.

Durante o terceiro período (2009-2014), a Argentina permanece como principal parceiro comercial do Brasil dentro do bloco, sendo o destino de 79% das exportações brasileiras e a origem de 85% das importações brasileiras durante o período.

O intercambio comercial do Brasil com o MERCOSUL apresenta crescimento, tanto nas exportações como nas importações, em que as exportações com destino a Argentina aumentam em 12%, e as importações de origem deste país 25%; no que se refere ao intercambio com Paraguai, as exportações para o país cresceram 90% e as importações 107%; o intercambio com o Uruguai verificou uma expansão de 117% no total exportado e 55% no total importado.

Na cesta dos produtos exportados destinada a Argentina, em 2014, os três principais produtos foram: automóveis (c/motor explosão, 1500<cm3<3000, até 6 passageiros) gerando um montante de US\$ 1,80 bilhões, automóveis (c/motor explosao,1000<cm3<1500,ate 6 passageiros) gerando uma receita US\$ 704 milhões e minérios de ferro não aglomerados e seus concentrados com um total de US\$ 462 milhões. Nas importações de origem Argentina destacaram-se os seguintes produtos: veículos automóveis (c/motor diesel p/carga) com um total de US\$ 2,23 bilhões, automóveis (c/motor explosão, 1000cm3) no valor de US\$ 1,16 bilhões e automóveis (c/motor explosão, 1500<cm3<3000,ate 6 passageiros) no montante de US\$ 1 bilhão.

A cesta dos três principais produtos exportados em 2014 destinados ao Paraguai foi composta por: gasóleo (óleo diesel) gerando uma receita de US\$ 301 milhões, adubos ou fertilizantes c/nitrogênio, fósforo e potássio no montante de US\$ 231 milhões e cervejas de malte registrando um total de US\$ 73 milhões. Nas importações de origem paraguaia,

destacaram-se a soja (mesmo triturada, exceto para semeadura) no valor de US\$ 255 milhões, carnes desossadas de bovino, frescas ou refrigeradas com valor de US\$ 171 milhões e milho em grão (exceto para semeadura) com um total de US\$ 102 milhões.

Na cesta dos produtos exportados destinados ao Uruguai, os três principais produtos foram: óleos brutos de petróleo gerando uma receita de US\$1,20 bilhões, outros tipos de mate no montante de US\$ 99 milhões e "fuel-oil" no valor de US\$ 70 milhões. Nas importações de origem uruguaia destacaram-se os seguintes produtos: outros tipos de trigos e misturas de trigo c/centeio, (exceto para semeadura) no montante de US\$ 325 milhões, malte não torrado (inteiro ou partido) no valor de US\$ 203 milhões e artigos de plásticos (garrações, garrafas, frascos) no montante de US\$ 142 milhões em 2014.

No período de 2009 a 2014 a composição da cesta permanece quase inalterada, e evidencia que as exportações destinadas Argentina alto valor agregado, assim como as importações, empregando tecnologia em larga escala no processo de produção. Os produtos exportados e importados do Paraguai e Uruguai possuem menor valor agregado, comparado aos verificados no intercâmbio com a Argentina.

**Tabela 3. Evolução do Intercâmbio Comercial do Brasil com o MERCOSUL (US\$ 1000 FOB)**

Ano	MERCOSUL		Argentina		Paraguai		Uruguai	
	Exp.	Imp.	Exp.	Imp.	Exp.	Imp.	Exp.	Imp.
1997	9.045.111	9.426.134	6.769.402	7.941.276	1.406.328	517.518	869.381	967.340
1998	8.878.234	9.416.203	6.748.204	8.023.468	1.249.436	350.622	880.594	1.042.113
1999	6.778.178	6.719.245	5.364.140	5.812.211	744.308	260.362	669.730	646.672
2000	7.739.599	7.796.209	6.237.684	6.843.232	832.473	351.351	669.442	601.626
2001	6.374.455	7.009.674	5.009.810	6.206.537	721.253	300.207	643.392	502.930
2002	3.318.675	5.611.720	2.346.508	4.743.785	559.625	383.088	412.542	484.847
2003	5.684.310	5.685.229	4.569.768	4.672.611	708.750	474.750	405.792	537.868
2004	8.934.902	6.390.493	7.390.967	5.569.812	873.353	297.825	670.582	522.856
2005	11.746.012	7.053.699	9.930.153	6.241.110	962.721	318.936	853.138	493.653
2006	13.985.829	8.967.387	11.739.592	8.053.263	1.233.639	295.899	1.012.598	618.225
2007	17.353.577	11.624.752	14.416.946	10.404.246	1.648.191	434.120	1.288.440	786.386
2008	21.737.308	14.934.112	17.605.621	13.258.442	2.487.561	657.517	1.644.126	1.018.153
2009	15.828.947	13.107.442	12.784.967	11.281.657	1.683.902	585.441	1.360.078	1.240.344
2010	22.601.501	16.620.151	18.522.521	14.434.594	2.547.908	611.401	1.531.072	1.574.157
2011	27.852.507	19.375.753	22.709.344	16.906.352	2.968.573	715.890	2.174.589	1.753.511
2012	22.799.767	19.250.401	17.997.706	16.443.910	2.617.509	987.565	2.184.552	1.818.926
2013	24.683.427	19.269.416	19.615.414	16.462.686	2.996.609	1.039.737	2.071.403	1.766.993
2014	20.420.949	17.271.546	14.281.998	14.143.094	3.193.586	1.210.146	2.945.364	1.918.468

Fonte: MDIC-SECEX, elaboração própria.

#### 4.4 Evolução da Balança Comercial

O resultado da balança comercial para o primeiro período foi negativo no montante de US\$3 bilhões, isto é, as importações superando as exportações. A corrente de comércio teve um recuo de 52% em relação a 1997, o que indica um desaquecimento no intercâmbio comercial entre o Brasil e os demais países membros do bloco. O comportamento deste período encontra-se alinhado a choques negativos verificados a partir de 1999, entre estes

podem se destacar a crise de balanço de pagamentos no Brasil em 1999; a crise Argentina, crise de confiabilidade de ativos financeiros (Enron<sup>10</sup>), crise energética brasileira e o ataque terrorista em 11 de setembro de 2001 aos Estados Unidos; e a crise de confiança ocasionada pelo período eleitoral brasileiro em 2002.

Ao comparar a evolução das exportações e importações entre 2003 e 2008, nota-se que houve uma expansão tanto nas importações como nas exportações, em que verifica-se que as exportações superam o total das importações, o que se reflete em uma cobertura de 1, e um saldo positivo na balança comercial a partir de 2004.

A corrente de comércio teve um crescimento de 223% (2008 em relação a 2003), o que indica um aquecimento no intercâmbio comercial entre o Brasil e os demais países membros do bloco. Conforme Salavato, Sant’Anna e Silva (2008) “após um primeiro período de saldos comerciais pequenos e uma crise de confiança interna, inaugura-se um período de ventos favoráveis, com estabilidade de preços e manutenção de uma política econômica previsível, que facilita a formação de expectativas pelos vários agentes no comércio internacional”. A partir de 2003 o governo federal mantém uma política monetária alinhada com um programa de metas inflacionárias, uma política fiscal acompanhada por meta de superávit primário e não há intervenções diretas no câmbio. Nesse período, verifica-se um processo de redução do risco-país<sup>11</sup> a partir do cumprimento de contratos pré-estabelecidos juntamente com um cenário externo favorável, o que por sua vez se reflete na entrada de capitais no país, apreciando a moeda nacional. Contudo, mesmo no período de câmbio apreciado observa-se um crescimento constante das exportações e a manutenção de elevados saldos na balança comercial, ancorado pelo crescimento do comércio mundial. Os saldos positivos da balança comercial só retraem a partir de 2007.

O resultado da balança comercial para o período de 2009 a 2014 foi positivo no montante de US\$29 bilhões, em que as exportações e as importações obtiveram uma expansão de 56% e 47%, respectivamente. O resultado da balança comercial garantiu a cobertura de 128% das importações. A corrente de comércio teve uma expansão de 30% em relação a 2009, o que indica um aquecimento no intercâmbio comercial entre o Brasil e os demais países membros do bloco.

**Tabela 4. Intercâmbio comercial brasileiro – MERCOSUL (US\$ 1000 FOB)**

Ano	EXPORTAÇÃO	IMPORTAÇÃO	SALDO	CORRENTE	COBERTURA
1997	9.045.110.950	9.426.133.443	-381.022.493	18.471.244.393	0,96
1998	8.878.233.843	9.416.203.081	-537.969.238	18.294.436.924	0,94
1999	6.777.871.670	6.719.417.521	58.454.149	13.497.289.191	1,01
2000	7.739.599.181	7.796.208.525	-56.609.344	15.535.807.706	0,99
2001	6.374.455.028	7.009.674.042	-635.219.014	13.384.129.070	0,91
2002	3.318.675.277	5.611.720.224	-2.293.044.947	8.930.395.501	0,59
2003	5.684.309.729	5.685.228.972	-919.243	11.369.538.701	1,00
2004	8.934.901.994	6.390.492.978	2.544.409.016	15.325.394.972	1,40
2005	11.746.011.414	7.053.699.272	4.692.312.142	18.799.710.686	1,67
2006	13.985.828.343	8.967.386.709	5.018.441.634	22.953.215.052	1,56

<sup>10</sup> O caso da empresa Enron, cujas investigações revelaram que esta havia manipulado os balanços financeiros, com a ajuda de empresas e bancos, escondendo dívidas de US\$ 25 bilhões por dois anos consecutivos, tendo seus lucros inflados artificialmente. O fato ocasionou, além de sua falência, a demissão de 20 mil empregados.

<sup>11</sup> O risco-Brasil é um conceito que busca expressar de forma objetiva o risco de crédito a que investidores estrangeiros estão submetidos quando investem no País.

2007	17.353.576.477	11.624.752.344	5.728.824.133	28.978.328.821	1,49
2008	21.737.308.031	14.934.111.721	6.803.196.310	36.671.419.752	1,46
2009	15.828.946.773	13.107.441.700	2.721.505.073	28.936.388.473	1,21
2010	22.601.500.959	16.620.151.158	5.981.349.801	39.221.652.117	1,36
2011	27.852.507.305	19.375.753.370	8.476.753.935	47.228.260.675	1,44
2012	22.799.767.448	19.250.400.534	3.549.366.914	42.050.167.982	1,18
2013	24.683.426.808	19.269.416.429	5.414.010.379	43.952.843.237	1,28
2014	20.420.948.626	17.271.545.715	3.149.402.911	37.692.494.341	1,18

Fonte: MDIC-SECEX, elaboração própria.

#### 4.5 Índices de Comercio Internacional brasileiro no MERCOSUL

Os resultados obtidos indicam que o índice de preços das importações totais registrou uma queda de 9,42% em 1998 em relação a 1997, e que somente a partir de 2003 verifica-se uma expansão nos preços, sendo a maior expansão de 25,62% em 2008, tendo por base 2007. Em 2009 o índice de preços registrou novamente uma queda de 13,51%, relativamente a 2008, no entanto um ano depois se verifica uma expansão no índice de preços, tendência identificada até o final do período analisado.

Em Relação ao quantum importado, constatou-se uma retração de 17,90% do ano de 1997 a 2014, haja vista as significativas quedas no quantum, das quais se destacam a queda de 23,20% em 1999, tendo como base 1998, e 11,38% em 2002, relativo a 2001. Relativo à expansão do quantum, as mais expressivas foram de 12,04% em 2006 (tendo por base 2005) e 11,66%, em 2010 (tendo como base 2009).

Os índices de preços para as exportações apresentaram uma queda consecutiva de 1997 a 2002, apresentando uma pequena expansão de 3,48% em 2000, relativo a 1999. Somente a partir de 2003 verifica-se uma expansão dos índices de preços, sobretudo em 2008, tendo como base 2007, quando registrou-se uma significativa expansão de 21,59%. Nos últimos três anos analisados percebeu-se uma queda dos índices de preços das exportações.

O quantum exportado obteve uma retração de 15% no período analisado. Tendo em vista a proporção da queda no quantum exportado de 39,48% e 27,9%, em 2002 (tendo por base 2001) e 2009 (tendo por base 2008), respectivamente, frente às expansões no quantum exportado de 61,25% e 37,13% em 2003 (tendo por base 2002) e 2004 (tendo por base 2003), percebe-se que no período ocorreram oscilações, ora com expansões significativas, ora com quedas.

Os resultados obtidos dos índices de quantum para importações e exportações brasileiras no MERCOSUL refletem uma contração, em relação a 1997, resultado em um resultado bastante insatisfatório. Dentre os fatores que explicam o resultado dos índices de quantum em 2014, pode-se destacar o cenário internacional desfavorável - com destaque para a recessão econômica da Argentina, país membro do bloco MERCOSUL e um dos mais importantes parceiros comerciais do Brasil.

**Tabela 5. Índices do comércio Exterior Brasil – MERCOSUL**

Ano Comparação	Índice de Preços (Fischer) Imp.	Quantum Imp.	Índice de Preços (Fischer) Exp.	Quantum Exp.
1998/1997	90,5727	110,2922	96,82	101,3789
1999/1998	92,9199	76,7955	86,79	87,9664
2000/1999	102,6321	113,0524	103,48	110,3441



2001/2000	97,3185	92,3887	89,64	91,8804
2002/2001	90,3381	88,6191	86,03	60,5162
2003/2002	107,4894	94,2511	106,22	161,2526
2004/2003	111,2735	101,017	114,62	137,1361
2005/2004	109,5242	100,7796	120,7	108,9164
2006/2005	113,4594	112,0491	111,9	106,4064
2007/2006	117,2355	110,5754	109,26	113,5637
2008/2007	125,6289	102,26	121,59	103,0194
2009/2008	86,4881	101,4804	100,02	72,8047
2010/2009	113,5526	111,6657	106,08	134,6021
2011/2010	113,6003	102,6229	111,91	110,118
2012/2011	103,3026	96,1767	97,99	83,5381
2013/2012	101,4699	98,6488	97,24	111,3346
2014/2013	98,9814	90,5543	96,02	86,1606

Fonte: AliceWeb2, elaboração própria.

## 5 Conclusão

O presente trabalho explorou evidências que caracterizem o comércio internacional brasileiro no MERCOSUL, tanto em sua direção quanto em seu padrão de especialização com o objetivo de oferecer subsídios para uma compreensão analítica sobre o tema.

A análise dos dados mostra que as exportações estão ligadas principalmente a produção de bens com incorporação de tecnologia no processo produtivo, em que podem se destacar os veículos automotivos, reatores nucleares, caldeiras, máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos, assim como aparelhos e máquinas elétricos. Em relação às importações destaca-se a compra de bens produzidos com alta tecnologia e valor agregado, como veículos e combustíveis minerais e seus derivados, assim como bens básicos, dos quais os cereais e trigos se destacaram. As cestas exportadoras e importadoras apresentaram uma significativa concentração, em que três dos 97 produtos representam 47,04% do total exportado e 53,32% do total importado, respectivamente. Deve-se destacar, que embora concentrada, tanto a cesta exportadora quanto a importadora são significativamente diversificadas.

O comércio internacional brasileiro destaca-se na venda de produtos industrializados, apesar da grande expansão verificada nos bens básicos e semimanufaturados. Na verdade, com o auxílio da identificação da pauta importadora, observa-se que um grande volume dos produtos industrializados pode estar apenas sendo montado em território brasileiro. As principais montadoras instaladas no Brasil exportam e também produzem veículos na Argentina, que trazem para o mercado brasileiro, que não por coincidência, são as principais origens de nossas importações.

Ao aprofundar a análise das exportações e importações brasileiras, pode-se destacar a falta de capacidade tecnológica em desenvolver produtos de nossas reservas naturais, o caso da compra e venda de combustíveis. Conseguimos um montante considerável de divisas ao exportar esse tipo de mercadoria para outros países, principalmente petróleo. Ao mesmo tempo gastamos uma quantia ainda maior de recursos para comprar produtos derivados do petróleo, uma vez que no país não existe indústria capaz de transformar o óleo bruto em seus subprodutos, gerando assim perdas para economia brasileira.



A prática da agricultura em grandes propriedades através do cultivo de uma baixa variedade de produtos também contribui para a continuidade da produção nacional voltada para commodities. A produção em larga escala de soja, milho, cana-de-açúcar e carne, sem a existência de uma indústria com capacidade para beneficia-los (na mesma escala), agregando valor em seus preços finais tem sido o maior gargalo enfrentado. A existência de uma política que incentivasse a diversificação produtiva, dando ênfase a produtos exclusivos de cada região para a produção em culturas familiares, junto com incentivos para o surgimento de novas indústrias que beneficiem os bens de origem da agricultura mais abundantes no país poderia colocar o Brasil em uma nova posição entre os países membros.

Os estudos sobre a pauta e a direção do comércio internacional indicaram que grande parte do intercâmbio comercial tem como principal origem e destino a Argentina.

Apesar de o comércio internacional estar diretamente ligado com as relações existentes com todos os membros, fica evidente que as melhorias a serem implantadas são de caráter estritamente interno. Por muitas vezes o aumento nos custos dos produtos exportados se dão por meios de falhas do escoamento interno. A escolha de alternativas ao transporte predominantemente rodoviário, assim como uma melhor, infraestrutura e organização dos portos por todo o país diminuiriam os gargalos e aumentaria a produtividade. Assim teríamos produtos mais competitivos de forma a obtermos melhores retornos nas trocas internacionais. Poderíamos, dessa maneira, investir os ganhos obtidos no comércio internacional na contínua inovação dos diversos setores produtivos nacionais em busca de novas tecnologias que agregassem mais valor aos nossos produtos finais, diversificando a produção, integrando as cadeias produtivas e principalmente aumentando e distribuindo a renda de forma mais igualitária entre as regiões.

Por fim, faz-se necessário atentar para algumas limitações existentes nas análises as quais se dedicou a pesquisa. Considerando que as trocas entre os países membros não são computadas pelo sistema AliceWeb2, o estudo encontra limites no fato de incorrer em indução de erros de análise sobre os preços, quantidades e destinos (origens) das trocas realizadas durante o período em que a pesquisa dedicou-se – 1997 - 2014. Para preencher a lacuna recorreu-se a base de dados do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior – MDIC, em que os dados estão disponíveis a partir de 2005.

Pesquisas posteriores podem complementar este estudo especialmente naquilo que se refere encontrar a especialização através de uma nova combinação de análise de dados. Determinando dessa forma os principais índices de comércio internacional de cada uma delas em uso comparativo. A continuidade dos registros ano a ano, mantendo assim atualizada de forma permanente esta pesquisa para que se possa construir uma visão temporal do comércio internacional brasileiro.

## Referências

ALMEIDA, Paulo Roberto. **Trajectoria do Mercosul em sua primeira década (1991-2001): uma avaliação política a partir do Brasil**. Disponível em: <[http://www.urutagua.uem.br/03almeida.htm#\\_ftn1](http://www.urutagua.uem.br/03almeida.htm#_ftn1)> Acesso em 5 de novembro de 2015

AMARAL, Sandra Maria de Carvalho. **A dinâmica das relações comerciais do Mercosul à luz dos instrumentos de política comercial (1998-2005)**. UNB – Instituto de Relações Internacionais. Programa de mestrado em Relações Internacionais, Brasília- DF, 2007.



ARBACHE, Jorge Saba. **Comércio internacional, competitividade e mercado de trabalho: algumas evidências para o Brasil.** (Capítulo 5). IN: CORSEUIL, Carlos Henrique; KUME, Honório (org.). *A Abertura Comercial Brasileira nos Anos 1990: impactos sobre emprego e salário.* Rio de Janeiro: IPEA; Brasília: MTE, 2003.

BASSO, Maristela. **MERCOSUL: seus efeitos jurídicos, econômicos e políticos nos estados-membros.** 2ª ed. Porto Alegre: Livraria do Advogado, 1997.

BAUMANN, Renato; CANUTO, Otaviano; GONÇALVES, Reinaldo. **Economia Internacional: teoria e experiência brasileira.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

BALBE, Fabiane Frois; MACHADO, Taize Andrade. **O MERCOSUL como experiência de integração econômica: avaliações e perspectivas.** In: II Encontro de Economia Catarinense, 2008, Chapecó. *Integração da Economia Catarinense do Cone Sul, 2008.* v. I. p. 01-87.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto.** 3 ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

DOMINICK, Salvatore. **Introdução à economia Internacional: uma primeira edição.** Rio de Janeiro: LTC, 2007.

FERNANDES, Suzana Cristina. **Abertura Comercial: um estudo sobre o processo brasileiro de liberalização.** *Revista Paranaense de Desenvolvimento, Curitiba, n.92, p. 73-91., 1997.*

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, Reinaldo. **Economia política internacional: fundamentos teóricos e as relações internacionais do Brasil.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

GONÇALVES, Reinaldo. **Globalização e Desnacionalização.** São Paulo: Paz e Terra, 1999.

KRUGMAN, Paul R.; OBSTFELD, Maurice. **Economia Internacional.** 8 ed. São Paulo: Pearson, 2005.

OLIVEIRA, Ivan Tiago Machado. *Revista Urutaguá* N° 11 2007. **Livre comércio versus Protecionismo.** UEM, Maringá. Disponível em <[www.urutagua.uem.br/011/11oliveira.htm](http://www.urutagua.uem.br/011/11oliveira.htm)>. Acesso em: 20 out. 2015.

SALVATO, Márcio Antônio. SANT'ANNA, Pedro Henrique. SILVA, Leonardo Augusto Gomes. **Evolução da balança comercial brasileira no período de câmbio flutuante.** *Economia & Tecnologia, v. 13, abril-junho, 2008.*

SARQUIS, Sarquis José Buiainain. **Comércio internacional e crescimento econômico no Brasil.** Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2011.

TERRA, Cristina. **Finanças Internacionais: Macroeconomia Aberta.** 1 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2014.